

PERGUNTAS COMO MECANISMO DE COESÃO DE PORÇÕES TEXTUAIS/DISCURSIVAS

José Carlos Lima dos Santos¹

RESUMO

Este texto por objetivo investigar os processos de conexão de porções textuais/discursivas realizados pelas perguntas, partindo de um contínuo de gramaticalização: plena (PP) > semirretórica (PSR) > retórica (R). As perguntas plenas são formuladas para solicitar uma informação do ouvinte; as semirretóricas, o falante formula e reponde, e as retóricas são formuladas para não serem respondidas, nos termos do Funcionalismo Linguístico e da Teoria das Estruturas Retóricas (RST). Dados² indicam que as perguntas atuam no processo de articulação de porções textuais/discursivas por meio do movimento de retoma e projeção.

Palavras-chave: Perguntas, Mecanismo de conexão, Funcionalismo linguístico.

Introdução

Diversos estudos vêm apontando que as perguntas não funcionam apenas como uma modalidade frasal pela qual se busca uma informação do ouvinte cuja finalidade é sanar uma dúvida. Além dessa função, as perguntas assumem funções no nível do texto, organizando as estruturas linguísticas regulares da gramática, como atuam no nível do discurso por meio do fortalecimento do componente pragmático, em que se verifica maior evidência do traço interacional que organizacional (cf. SANTOS, 2017). Esse tipo de análise que leva em conta o funcionamento das perguntas, no nível do texto e do discurso, pautam-se em uma perspectiva funcional que considera a relação forma<>função, no sentido de que a parte estrutural das perguntas é explicada a partir do ambiente do uso em que ocorre, ou seja, das necessidades comunicativas dos interlocutores.

Desse modo, esse texto objetiva fazer uma análise do comportamento das perguntas, a fim de verificar as tendências de uso no que se refere aos mecanismos de

¹ Doutorado em Análise Linguística. Professor do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, carlos.santos@afogados.ifpe.edu.br

² Esse texto é um recorte de uma tese de doutorado intitulada *O par pergunta-resposta como estratégia de articulação tópica*

porções do texto e do discurso. Para tanto, esse texto está organizado da seguinte forma: na primeira seção trato dos principais aspectos do Funcionalismo Linguístico; na segunda, dissero a respeito da teoria das estruturas retóricas; por fim, analiso o comportamento das perguntas como conector de porções mais altas do texto e do discurso.

O Funcionalismo Linguístico

A perspectiva funcional investiga as regularidades da estrutura da língua a partir de uso, ou seja, as formas linguísticas regularizadas na gramática são motivadas pelas perspectivas pragmáticas dos falantes. Nesses termos, o modo de investigação da abordagem funcional vai além dos limites da frase por considerar as perspectivas dos falantes e o contexto de uso. A gramática funcional tem como escopo, então, a função comunicativa da linguagem, que parte da premissa de que os falantes não apenas codificam as informações das estruturas linguísticas, mas também atuam na língua de modo a construir como fazer projeção sobre a perspectiva do ouvinte. Uma forma linguística pode assumir diferentes funções a depender do contexto em que ocorra, e uma função pode ser desempenhada por diferentes formas linguísticas, o que descarta uma visão de língua que defende haver correspondência unívoca entre uma forma e um significado.

Situando-se entre o formalismo de Chomsky, que prega a autonomia sintática e a flexibilidade de Hopper de gramática emergente, Givón (2001) postula uma posição de nível intermediário, segundo o qual a flexibilidade, gradualidade e variabilidade da gramática têm motivações adaptativas, já que a estabilidade e a flexibilidade colaboram para o processamento rápido da linguagem, cujo objetivo primordial é a troca de experiências entre os usuários da língua.

É de comum acordo, entre os teóricos funcionalistas, que a estrutura da língua reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência. Esta relação é denominada de princípio da iconicidade, isto é, de que existe relação entre a forma (significante) e significado (função). A formulação desse princípio, no quadro da linguística funcional, foi primeiramente explicitada, de forma radical, por Bolinger (1977, p.10), segundo o qual “a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado, e um

significado para uma forma”³. A acepção de Bolinger assenta-se em uma posição mais forte do princípio da iconicidade, pautada na defesa de que existe uma motivação entre forma e função, o que diverge da tese de Saussure sobre a arbitrariedade do signo linguístico. Freitag (2010), ao citar Givón (1995), afirma que a idealização desta relação (forma-função) é super-entendida no sentido de que ele acredita haver arbitrariedade na codificação linguística, uma vez que a iconicidade codificada no código linguístico está sujeita a pressões corrosivas que afetam, diacronicamente, tanto a forma como a função. O código sofre erosão em virtude do atrito fonológico, já a mensagem sofre mudança em função da colaboração criativa dos falantes.

Essa biunivocidade nem sempre pode ser encontrada em todos os contextos comunicativos, principalmente na língua escrita, em que não há uma relação biunívoca entre a forma e o conteúdo a que essa forma remete, o que abre espaço para a relativização do isomorfismo de um-para-um postulado por esse princípio. Isso pode ser constatado a partir dos estudos da variação e mudança que evidenciam a possibilidade de se dizer a mesma coisa por meio de duas ou mais formas, ou a possibilidade de uma única forma dizer mais de uma coisa (FREITAG, 2010). Este fato contribuiu para se assumir uma versão denominada de mais branda do princípio da iconicidade, que passa a ser visto a partir da manifestação de três subprincípios, o da quantidade de informação, o da integração e o da linearidade

O subprincípio da quantidade, segundo o qual quanto maior é a quantidade de informação, maior é a quantidade da forma que se exige para codificar essa informação. A estrutura de uma informação codificada linguisticamente está diretamente relacionada ao conceito expresso por essa estrutura.

A partir de Givón, Furtado da Cunha (2008, p. 168) mostra a aplicabilidade desse princípio ao português por meio do exemplo: BELO > BELEZAR > EMBELEZAR > EMBELEZAMENTO. Para o autor, o princípio da quantidade pode ser visualizado no cumprimento das palavras derivadas que tendem a veicular mais informações que as palavras primitivas.

O subprincípio da integração diz respeito ao fato de que o nível de codificação sintática está relacionado ao nível de integração cognitiva, ou seja, quanto mais próximos estiverem cognitivamente os conteúdos, mais próximos estão no nível de codificação

3 “the natural condition of a language is to preserve one form for one meaning, and one meaning for one form” [Tradução nossa].

linguística. Furtado da Cunha (2008, p. 169) mostra como esse princípio se manifesta por meio dos seguintes exemplos no português: 1) Maria ordenou: fique aqui; 2) Maria fez a filha ficar ali; e 3) a filha não queria ficar ali. A autora evidencia que quanto menos integrados os eventos estão, mais é provável que um elemento de subordinação, ou mesmo uma pausa, separe a oração principal da subordinada. Assim, em (1), tem-se dois eventos distintos; de um lado, o ato de ordenar, de outro, o ato de ficar ali. O enunciado (1) apresenta sujeitos separados, como também a codificação modo-temporal é feita de forma diferente em ambos os eventos. Em (2), a autora defende que há uma maior integração semântico-sintática, já que se torna mais difícil afirmar que se trata de dois eventos separados, e também não há a presença de qualquer elemento que separe as duas orações. Já na terceira, há uma fusão semântico-sintático ainda maior que a primeira, uma vez que não se observa a ocorrência de eventos diferentes, e o sujeito é o mesmo para ambos os verbos.

O subprincípio da ordenação linear se refere ao processo de ordenação da informação na codificação sintática, isto é, a informação mais importante para o falante tende a ser codificada, primeiro, na linearidade sintática. Furtado da Cunha (2008) demonstra como se aplica esse princípio da ordenação linear no português:

- (01) Sabe como é feito um bom stroganoff ... compra o camarão:: limpa o camarão...põe o camarão...boto cebola ...pimentão... tomate... cozinho ele... deixo ele cozinar um pouquinho assim (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 169).

A rigor, o encadeamento das orações acima é feito na mesma ordem em que ocorre na realidade. Em um primeiro momento, compra-se o camarão, em seguida, passa-se à limpeza para depois cozinhar-lo. Se houver uma inversão nessa ordem de colocação das orações, haverá também uma alteração na ordem sequencial dos acontecimentos narrados.

Outro subprincípio da ordenação linear é a relação que se estabelece entre ordem sequencial e tópico discursivo, em que se verifica uma conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da oração e a ordenação que este elemento assume na codificação sintática. A título de exemplificação, Furtado da Cunha (2008) pontua que essa relação pode ser observada, tendo em vista o fato de que as informações velhas tendem a ocorrer no início da oração, e as novas ocorrem no final:

- (02) Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Carlos está sempre comigo na hora da diversão (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 169).

A primeira vez que o referente Carlos é introduzido, no discurso, aparece no final da frase, pois se trata de informação nova, na oração seguinte aparece no início, pois se trata de informação mencionada antes.

Diante do exposto sobre o princípio da iconicidade, é evidente que as estruturas de codificação linguística não podem ser vistas como totalmente arbitrárias, uma vez que refletem as estruturas semântico-cognitivas que lhes são subjacentes. Como postulam Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2003, p.34), “[...] a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas”⁴. Desse modo, o funcionalismo procura estabelecer a relação de como as estratégias sociocognitivas dos usuários da língua influenciam no modo de organização/acomodamento das estruturas linguísticas no nível sintático.

Já o princípio da marcação, nos moldes do paradigma funcionalista, mostra como se fundamenta a relação que se dá entre complexidade estrutural e a cognição. Segundo Givón (1995), uma estrutura pode ser marcada em um determinado contexto, mas não em outro, pois esse princípio só pode ser entendido em contexto de uso situado, recorrendo-se, para isso, a fatores de ordem cognitiva, cultural, comunicativa e biológica.

De acordo com as informações de Furtado da Cunha (2008), a origem dos termos “marcado” e “não-marcado” remonta aos linguistas da Escola de Praga, e têm a ver com a ideia de contraste entre dois elementos de determinada categoria linguística, a qual pode realizar-se nos níveis fonológico, morfológico ou sintático. Na relação entre dois elementos, de uma dada categoria, que se opõem, um deles é tido como marcado quando apresenta uma propriedade que está ausente no outro. Para ilustrar como isso acontece no português, a autora exemplifica com um caso que pertence ao campo da morfologia, a saber: a categoria de número: a forma *meninos* [+plural] é considerada mais marcada em relação a “menino” [-plural], forma não-marcada. As formas não-marcadas apresentam as seguintes características: i) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; ii) contexto de ocorrência mais amplo; iii) forma mais simples ou menor; e iv) aquisição mais precoce pelas crianças (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 170).

Para Givón (1995), o princípio da marcação dá base para o fundamento da gramática da língua por estar associado à tendência de a língua ser econômica e à organização cognitiva do pensamento. O autor estabelece os critérios que definem os elementos que são ou não marcados na língua, quais sejam: a) complexidade estrutural, em que a forma marcada possui a tendência de ser mais complexa, ou maior, que a não-marcada. A forma não-marcada apresenta a massa fônica reduzida em relação à marcada; b) distribuição de frequência, que diz respeito ao fato de

4 Os autores citados estudam os pressupostos do princípio da iconicidade no português brasileiro.

que a forma marcada tende a ser menos frequente e, nesse caso, é mais saliente na atividade cognitiva que a forma não-marcada; e c) complexidade cognitiva, que tem a ver com a questão de que a forma marcada tende a ser cognitivamente mais complexa. No que diz respeito ao esforço mental, a forma marcada demanda atenção, ou tempo de processamento maior que a não-marcada.

Na visão de Furtado da Cunha (1999), existe, na língua, uma tendência que faz com que esses três critérios coincidam por meio da correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa frequência de ocorrência, que é um reflexo geral do princípio da iconicidade na gramática, representando, assim, o isomorfismo entre os princípios comunicativos e cognitivos e os princípios formais da marcação. É por isso que as categorias mais marcadas apresentam a tendência de serem substancialmente mais marcadas. A autora defende a ideia de que esse princípio carece de refinamento, devendo ser considerado não apenas na perspectiva da polaridade marcado e não-marcado, mas por meio de um *continuum*. Isso pode ser verificado pelo estudo que a autora fez sobre a negação, demonstrando que a ocorrência do *não* não se restringe apenas aos dois critérios de marcação, mas se distribuem por meio de um *continuum*, apresentando graus intermediários de marcação. Como forma de demonstrar como se aplica o princípio da marcação, Martelotta (2008, p. 171) apresenta um exemplo em português que envolve consequências no plano sintático:

- (03) a. Eu uso esta roupa.
b. Esta roupa eu uso.

A sentença (b) é tida como mais marcada, pois a ordem mais comum de codificação sintática, SVC, ocorre em (a). Nesses termos, a ordem de codificação apresenta implicações no plano da expressividade da mensagem. O exemplo (b) mostra ser mais expressivo por imprimir uma força argumentativa relacionada à ideia de que aquela roupa é a que mais agrada ao falante. Já no exemplo (a), o que se observa é uma simples constatação que não apresenta nenhum tipo de argumento, ao contrário do que foi mencionado no exemplo (b). O princípio da marcação assume importância no uso da língua porque uma forma que apresenta maior frequência de uso e é mais corriqueira tende a ser conceptualizada de forma mais automatizada, ou seja, com pouca expressividade. Pelo contrário, quando o falante quer ser expressivo tende a usar a forma marcada.

O princípio da marcação serve para aferir se os enunciados interrogativos ocorrem em contextos mais marcados ou menos marcados. Como Givón (2001) afirma serem os atos de fala interrogativos mais marcados que os declarativos, o uso de um *corpus*

composto por contextos diversificados de coleta permite verificar as regularidades linguístico-funcionais das perguntas por meio do mapeamento desses contextos.

Por sua vez, o princípio da informatividade, dentro do entendimento de que o funcionalismo assume uma concepção dinâmica de uso da língua, centra-se no fato de que os interlocutores compartilham informações, ou supõem que compartilham, em qualquer nível de codificação linguística durante o ato de interação verbal. Em uma dimensão pragmático-cognitiva, o falante estabelece comunicação com o seu interlocutor com o objetivo de informar sobre alguma coisa, que pode ser do mundo interior ou exterior do falante.

Furtado da Cunha⁵ (2008) chama a atenção para o fato de que, em termos gerais, esse princípio tem sido aplicado ao status informacional dos referentes nominais, que podem ser classificados como *dado*, *novo*, *disponível*, ou *inferível*. Essa proposta já foi realizada por Prince em (1981). Um referente para ser classificado como *dado*, ou *velho*, necessita ter sido mencionado no texto, ou está ativo no contexto de interação verbal. O autor mostra o seguinte exemplo:

- (04) aí o mecânico falou que... (Ø) não sabia qual o homem que tinha apertado aquilo ((risos)) (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 166).

Em (04), o sujeito do verbo *saber* foi omitido, (o símbolo colocado na posição de sujeito indica sua omissão) porque já havia sido mencionado antes, o que caracteriza um caso de remissão a um referente ativado anteriormente: *o mecânico*. O fato de o falante ter manifestado o referente motivou-o a não o repetir na oração seguinte.

Um referente é denominado de *novo* quando é instaurado, a primeira vez, no discurso. Caso o ouvinte já tenha esse referente na mente por ser um referente único em um contexto situado, é denominado de *disponível*:

- (05) aí quando chegou... ali na descida / porque é... Barra..... Tijuca... né? Quando estava quase chegando a ... Tijuca... vinha *um ônibus* na :: direção deles... e tinha *um caminhão*... parado aqui (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 166).

5 Mais uma vez, observo que Prince (1981) propõe o modelo, e Furtado da Cunha (2008) o aplica ao português do Brasil.

Os termos grafados (um ônibus; um caminhão) foram acionados no discurso pela primeira vez, o que faz com que eles sejam classificados como referentes novos.

O referente *inferível* é manifestado, no discurso, por meio de um processo inferencial, tomando-se por base outras informações disponíveis no processo de interação. As entidades inferíveis, geralmente, são codificadas por um artigo definido:

- (06) quando ela viu o ônibus passar... mas o ônibus já estava indo .. e ela começou a gritar e todo o ponto de ônibus assim lotado.. né? ela começou a gritar *pro motorista*... mas ele estava um pouco longe (FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 166).

O referente *motorista* não constitui uma informação velha, já que não foi citado antes. No entanto, esse referente só foi mencionado por conta do referente anterior *ônibus*, configurando, assim, um caso de referência inferível.

A aplicação dos princípios do funcionalismo linguísticos tanto serve para explicar os contextos de ocorrência do par P-R, contexto marcado e não-marcado, como para depreender a distribuição dos referentes tópicos codificados nas perguntas e nas respostas por meio do princípio da iconicidade, relacionando a atuação desses princípios aos mecanismos fônicos e pressuposicionais que ocorrem no processo de articulação do discurso. Na próxima seção, são discutidos os pressupostos da abordagem que se intitula de textual-interativa.

A teoria das estruturas retóricas (RST)

Decat (2010) considera a existência de dois níveis de análise pelos quais ocorre o processo de articulação de orações: i) o micro, que está relacionado à organização do texto; e ii) o macro, em que se processam as relações retóricas que organizam o discurso. A autora defende suas ideias a partir da Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory- RST), mais precisamente, na linha de Mann e Thompson (1988), Mann et al. (1992) e Taboada e Mann (2006), os quais investigam os processos de articulação de orações, a partir de noções retóricas, que são responsáveis pela coerência do texto e pela forma como essas orações se combinam.

Mann e Thompson (1988) assentam que a RST fornece uma combinação de parâmetros que possibilitam diferentes tipos de análises no campo do discurso, no sentido de que se podem identificar as hierarquias do texto e descrever as formas pelas quais as porções do texto se relacionam em termos funcionais. Estes autores consideram haver um

significado implícito que emergem da combinação de duas porções textuais⁶, que podem ser orações ou porções maiores do discurso. Esse significado implícito é denominado de *proposição relacional*, que surge independente de marca de codificação explícitas que correspondam, ou não, a sinais de junção.

Os elementos caracterizadores da RST ocorrem em todos os tipos de língua e de texto, são eles: i) relações, que dizem respeito à identificação de relações particulares que podem ocorrer entre duas porções de texto; ii) esquemas, tendo por base as relações, são responsáveis por definir os padrões pelos quais uma porção de texto particular pode ser analisada em função de outra; iii) aplicação de esquemas, que se referem aos meios pelos quais um esquema pode ser instanciado, apresentando-se mais flexível que a instanciação literal adjacente; e iv) estruturas; em que o texto, em sua totalidade, é tomado em termos da composição de aplicação de esquemas (MANN; THOMPSON, 1988).

A definição de relação está vinculada à forma como duas porções de texto se relacionam, sem sobreposição, denominadas de núcleo e satélite, representados por N e S. A definição de relação possui quatro parâmetros que lhe são subjacentes: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; e d) o efeito do julgamento do analista quando na aplicação dos parâmetros de análise da RST⁷ (MANN; THOMPSON, 1988, p. 4). São esses princípios que balizam as investigações realizadas pelo analista de RST, no sentido de que possibilitam a este as condições na quais os textos são produzidos, incluindo contextos e convenções sociais.

Por seu turno, os esquemas são entendidos como os arranjos estruturais do texto. Constituem padrões abstratos que são evidenciados por meios de relações de porções textuais, consistindo de: i) um número pequeno de porções de textos constituintes; ii) especificações das relações das porções textuais; iii) especificações de como certas porções (núcleos) são relacionadas na totalidade dos textos (cf. MANN; THOMPSON, 1988, p. 5).

O modelo de análise RST trabalha com cinco tipos de esquemas, que tanto podem ser entendidos na relação núcleo-satélite, como na relação denominada de multinucleares:

6 Porção textual é entendida como um intervalo de texto linear e ininterrupto (MANN; THOMPSON, 1988, p. 4).

7 1. Constraints on the Nucleus, 2. Constraints on the Satelite, 3. Constraints on the combination of Nucleus and Satelite. 4. The Effect [Tradução nossa].

(a) relação “núcleo-satélite”, em que uma parte, o satélite, é ancilar de outra, o núcleo, servindo-lhe de subsídio para sua interpretação, não havendo, por isso, uma ordem fixa nessa relação, apresentando ela um núcleo, que pode estar subsidiado por mais de um satélite; (b) relações “multinucleares”, como contraste, sequência, lista, em que uma porção de texto não é ancilar, subsidiária da outra, mas cada uma constitui, por si própria, um núcleo (DECAT, 2010, p. 168).

A relação núcleo satélite, nesse caso, situa-se em um domínio de dependência em que um núcleo está associado a uma parte satélite. Já nas relações multinucleares as porções de textos ocorrem de forma independe, uma vez que elas mesmas são o núcleo. Desse modo, o texto é construído pela conexão dessas relações, ou “a estrutura retórica de um texto será, portanto, determinada, ou definida, pelas redes de relações que se estabelecem entre porções do texto” (DECAT, 2010, p. 168).

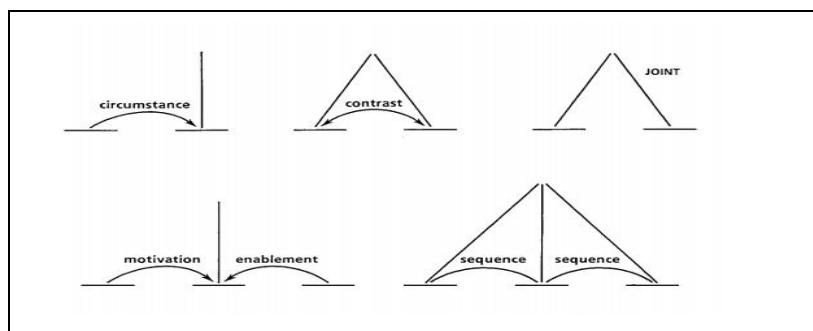
Outro aspecto defendido por Decat (2010) é que, para se analisar um texto, deve-se inicialmente dividi-lo em unidades. Estas não têm limite fixado em relação ao tamanho, já que, na RST, uma unidade pode abranger desde um item lexical pleno até parágrafos inteiros, porções maiores de texto. A autora afirma ser possível relacionar uma função sintática às relações retóricas do nível de organização macro do discurso, em uma interface entre o Funcionalismo e a Linguística Textual, em que há uma espécie de *continuum* entre a estrutura sintática e a organização do texto. Decat (2010) assume, também, que a proposta dos autores da RST pode ser expandida, uma vez que as relações retóricas podem ocorrer em construções maiores, ou menores, que uma unidade complexa, (DECAT, 2010, 168-169). Essa expansão defendida por Decat (2010) pode ser visualizada por meio de um exemplo fornecido por ela:

(07) Maria obteve sucesso com o seu último livro. Sucesso esse que ela deve também a seus alunos (DECAT, 2010, p. 169).

Temos, nesse excerto, a expressão *Sucesso esse que ela deve também a seus alunos* que funciona como satélite do núcleo *Maria obteve sucesso com o seu último livro*. O estatuto informacional do termo *sucesso*, que está inserido no núcleo, é retomado pela expressão codificada como satélite.

As porções textuais se relacionam por meio do encadeamento adjacente de núcleos, ou núcleo-satélites, formando os esquemas, que são responsáveis pela

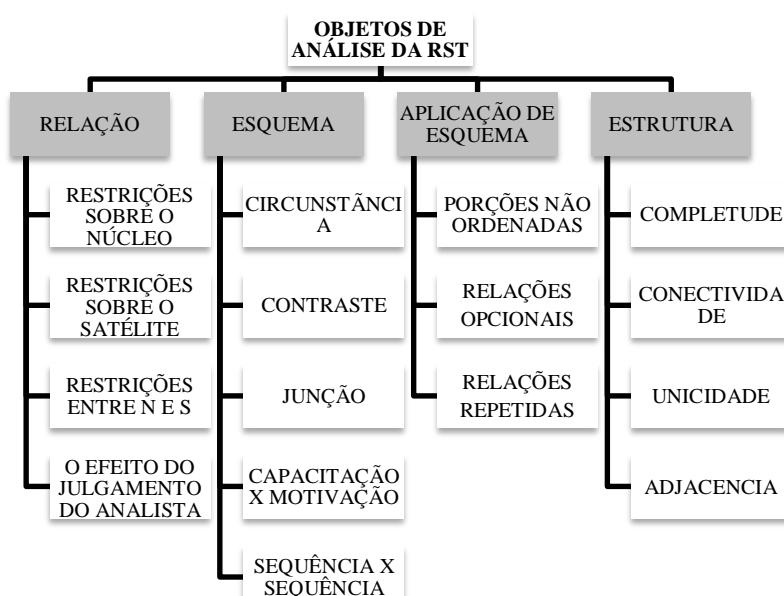
construção da totalidade do texto. Os cinco tipos de esquemas elaborados por Mann e Thompson (1988) podem ser visualizados pelo quadro a seguir, formulado pelos autores:



QUADRO 1: - Exemplos dos cinco tipos de esquema da RST

Fonte: Mann e Thompson (1988, p. 7).

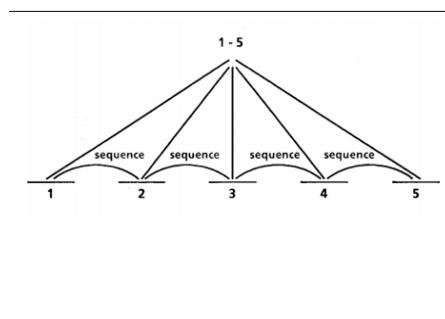
Conforme consta no quadro, as curvas representam as relações estabelecidas pelas porções textuais. As linhas retas representam a identificação das porções nucleares. A grande maioria das relações pode ser representada por meio da relação núcleo-satélite. Já as relações multinucleares são representadas pelos esquemas: i) sequência (*sequence*), em que há uma sucessão para núcleos adjacentes; ii) contraste (*contrast*), em que há dois núcleos; e iii) junção (*joint*), em que há um número invariável de núcleos relacionados, que marcam a forma de como se sucedem as relações que são codificadas em um núcleo. Um resumo dos principais objetos defendido pela RST:



Quadro2 - Objetos de análise da teoria RST

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

A aplicação do modelo da RST, nesta pesquisa, torna-se possível na medida em que contempla análises de articulação para além da oração, e porque trabalha com a noção de *porções textuais* no nível textual-discursivo. Em relação à aplicação dos esquemas da RST, na análise de perguntas como estratégias de junção, será aplicado o das relações multinucleares, que envolve os esquemas: sequência, contraste e junção. A teoria admite variação no processo de aplicação de esquemas, uma vez que nem sempre as porções são encadeadas de forma adjacente. Vejamos um exemplo do funcionamento do esquema Sequência, que demonstra a ordem pela qual as porções textuais se relacionam em um encadeamento sucessivo de eventos:



QUADRO 3: Esquema sequência

Fonte: Mann e Thompson (1988, p. 75).

Os números do esquema Sequência indicam a ordem como as unidades vão sendo decompostas. Cada linha vertical parte da unidade que está sendo decomposta como núcleo pelo esquema de aplicação. O padrão de análise desse esquema segue o seguinte plano:

Nome da relação: Sequência.

Restrição sobre o núcleo: Multinuclear.

Restrição sobre a combinação de núcleos: Relação sucessiva entre as situações é apresentada no núcleo.

O efeito: Reconhecimento das relações sucessivas entre os núcleos.

Lugar do efeito: Núcleos múltiplos (MANN; THOMPSON, 1988, p. 5)⁸.

8 relation name: SEQUENCE.

constraint on the N: multi-nuclear.

Constraints on the combination of nuclei: A succession relationship between the situations is presented in the nuclei.

the effect: R recognizes the succession relationship among the nuclei.

Este modelo de análise serve para explicar o modo como as perguntas articulam os eventos, ou relações, das atividades linguístico-discursivas em que estão inseridas, como é exemplificado com dados da amostra selecionada para essa pesquisa:

- (08) DOC: é qual o seu nome?
TIAGO: Taynam
DOC: e quantos anos você tem?
TIAGO: dezessete
DOC: em que série e turma que você estuda?
TIAGO: terceiro ano turma A
DOC: é você pretende fazer faculdade?
TIAGO: pretendo
DOC: De quê?
TIAGO: Direito
DOC: Direito? você fez o vestibular?
TIAGO: fiz
DOC: e aí como foi o ENEM e o SISU você conseguiu a vaga?
TIAGO: não no SISU eu não consegui eu consegui na particular
DOC: ah na particular você fez o vestibular da universidade mesmo?
TIAGO: isso
DOC: mas pretende fazer o prouni?
TIAGO: pretendo eu até me cadastrei já (ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA, ARACAJU, M, 17, I, M, U).

Pelo excerto (08), podemos observar que a sequência de enunciados não ocorre em uma relação núcleo-satélite, como afirma Mann e Thompson (1988), mas em um encadeamento de núcleos independentes que se dão por meio das relações multinucleares. Os pares de enunciados formam um esquema de sequência de porções textuais, ou seja, esses pares são adjacentes pelo esquema de aplicação, e constituem, assim, o esquema Sequência. Cada evento é explicado a partir de um núcleo anterior. Uma pergunta pode ser considerada um núcleo que projeta outros núcleos superiores. Essa afirmação é válida para as perguntas plenas. No caso das perguntas retóricas e semirretóricas, outras análises serão feitas.

Como foi demonstrado, os mecanismos que funcionam no nível de junção entre partes maiores do texto é o da pressuposição e o das relações fóricas, que são responsáveis pela organização do tópico e pela estruturação da informação na gramática da língua. É nesse sentido que os termos *coerência* e *coesão* são tomados nesta pesquisa.

locus of the effect: multiple nuclei [Tradução nossa].

O funcionamento das perguntas como conector de porções textuais/discursivas

No quadro das relações sequenciais defendidas pela abordagem RST, a relação de sentidos entre a pergunta e a resposta ocorre por meio de porções textuais. Neste caso, a porção de texto que é codificada como tópico *sua vida mudou em algum aspecto* é retomada na resposta por meio da afirmação *com certeza* por meio de relações independentes (multinucleares). Essa relação não ocorre no nível da frase, mas sim no nível do discurso, mais especificamente, no turno do falante e no do ouvinte de forma sequencial, ou seja, a relação se dá entre turnos:

...se *eu* não conseguir até lá... vai con-

continuidade tópica: retomada

 ... *Ø* vou continuar tentando.. aquela coisa

continuidade tópica: retomada

 ... *Ø* vivenciando experimentando até... que

continuidade tópica: retomada

 ...*eu* chegue a algum lugar que... tenha... meu perfil

continuidade tópica: retomada

que seja aquilo que *eu* gosto que

continuidade tópica: retomada

*eu* me identifico... aí

continuidade tópica: retomada

 *eu* vou partir... com tudo

Desativação de tópico, suspensão de arquivo

Ent: (hes) sua vida mudou em algum aspecto quando você entrou na faculdade?



Mic: *com certeza...*

continuidade tópica: retomada



no início principalmente aquela coisa né? quando *a gente* entra quer viver dentro dos livros né?

continuidade tópica: retomada

Figura 1 - Funcionamento das PP no quadro de distribuição tópica
Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

O processo de retomada do conhecimento codificado na resposta, conforme figura (1), por meio do gradiente +K do ouvinte, favorece a sequenciação da atividade discursiva. Logo, há evidência de que a resposta tanto funciona como uma ação retroativa, no sentido de que retoma o tópico da pergunta, como aponta para continuidade do discurso em termos de projeção. Tavares (2010) denomina esse tipo de relação de retroativo-propulsora. De modo semelhante, Sorjone (2001) salienta que resposta confirmativa a uma pergunta sinaliza desejo de continuidade por parte de quem respondeu à pergunta.

No exemplo (09), há a ocorrência de perguntas semirretóricas, as quais funcionam como estratégias de sequenciação tópica, cuja finalidade é a projeção do discurso:

(09) ... mais muitas vezes você num consegue porque você não tem o apoio da administração da escola.... então a gente tem que buscar a união da diretoria da escola... junto com os professores... pra poder mudar... pra poder mudar... o curso porque se não for assim a esco- a educação... num melhora... eu acho que é essencial... o desenvolvimento ((BARULHO))

Ent: pode continuar

Jaq: a escola pública que junto... com a direção é quem podem mudar o sistema da educação é mostrar que a região sudeste tem região com o nordes- tem relações com o nordeste que o Brasil tem relação com o exterior e num é só o fato de compra e venda de importação de exportação... tem todo um processo histórico vem desde antes *mas o que passa na escola?* você vai e estuda regiões sejam elas as... os continentes ou sejam elas no Brasil as regiões norte nordeste sul e sudeste você estuda que o sudeste é desenvolvido... que o sudeste é rico... que o sudeste é o lugar que tem emprego... o desenvolvimento tá lá... e que o nordeste é pobre *por que que no- o povo do nordeste é pobre?* o povo do nordeste é pobre porque é seco... porque no nordeste tem fome... e porque o povo num se interessa... porque o povo é broco ninguém busca mas num é assim num é só as condições climáticas que influenciam no desenvolvimento o desenvolvimento... (ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA, ITABAIANA, #cab, 2011, F, 22, 1, S, Jaq).

O exemplo (09) pertence, seguindo Heritage (2012), à posição epistêmica +k pelo fato de o falante perguntar e ele próprio responder à pergunta, ou seja, o falante possui

conhecimento da ação epistêmica que a pergunta suscita. Como a ação da pergunta não faz parte do domínio epistêmico do ouvinte, o falante não espera pela resposta e segue o desenvolvimento do turno. Dessa forma, há uma mudança no que se refere à realização da resposta: no caso das perguntas plenas, a resposta é realizada pelo ouvinte; nas semirretóricas, pelo próprio falante, o que Martelotta (1996) denomina de perda de traço referencial que é típico das perguntas prototípicas.

Freitag e Araújo (2010) assentam que as PSRs têm por função a sequenciação do tópico discursivo porque o falante não passa o turno para o ouvinte responder, apenas dá prosseguimento ao que vem desenvolvendo. As PSRs, nesse caso, funcionam como mecanismo de projeção e retomada tópica, já que articula o tópico em desenvolvimento com o que vai ser seguido no discurso, como exemplifica o esquema a seguir:

...que *o sudeste* é rico...

tópico primário



que *o sudeste* é o lugar que tem emprego...

continuidade tópica: retomada



o desenvolvimento tá lá...

continuidade tópica: retomada



e que *o nordeste* é pobre

reativação de tópico secundário suspenso, arquivo aberto (GIVÓN, 1992)



por que que no- o povo do nordeste é pobre?

pergunta semirretórica codifica tópico anterior



o povo do nordeste é pobre porque é seco...

continuidade



porque *no nordeste* tem fome...

continuidade tópica

Figura 2 - Funcionamento das PSR no quadro de distribuição tópica

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A figura (5) evidencia o funcionamento da PSR no processo de articulação de tópicos. É possível visualizar que tópico *o sudeste* é desenvolvido no texto de forma sequencial até a ativação de outro que havia sido indexado antes. O que possibilita o falante desenvolver os tópicos *o sudeste* e *o nordeste* é a ativação, anteriormente, de um tópico mais abrangente: *as regiões do Brasil*. Assim, notamos que, para formular a pergunta, o falante retoma o tópico anterior e faz uso da própria pergunta para prosseguir o discurso.

De acordo com a abordagem da RST (MANN; THOMPSON, 1988), a pergunta codificada na figura (5) representa um esquema de sequenciação por meio de vários núcleos independentes e garante a continuidade das informações. Já na acepção de Herring (1991), a PSR, denominada por ela de pergunta retórica tematizante, funciona como conector por possibilitar a inserção de informação nova no texto. No funcionamento dessa pergunta, há um enfraquecimento do componente pragmático no sentido de que a pergunta sai de sua base interativa prototípica para funcionar no nível do texto.

Considerações finais

Investiguei, neste artigo, os processos pelos quais as perguntas funcionam como articulador de porções discursivas. Demonstrei que os tópicos codificados nas PPs funcionam como um todo significativo: um tópico codificado em PP pode ser continuado por meio de outra PP, o que garante a continuidade tópica do entrevistador. De modo semelhante, um tópico codificado em uma PP é retomado na resposta do ouvinte por meio de um movimento de retomada e projeção, formando um todo significativo, ou unidade de relação, o que evidencia um processo de articulação de informações textuais em um nível mais alto que garante as relações de coerência e coesão do texto e do discurso.

Os tópicos ativados, nas PSRs, apresentam o comportamento textual-discursivo de progressão tópica do discurso do locutor, o que é feito por meio do tópico que está em andamento, conectando partes (porções) do texto e projetando o discurso para a desenvolvimento do tópico.

Este estudo contribui com as pesquisas que trabalham com tópico discursivo e com par pergunta-resposta no que diz respeito aos mecanismos de conexão em um nível mais alto, do texto e do discurso.

Referências

- OLINGER, D. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.
- DECAT, M. B. N. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. *Calidoscópio*. Vol. 8, n. 3, p. 167-173, set/dez 2010.
- FREITAG, R. M. Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação: marcadores discursivos revisitados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009.
- FREITAG, M. Ko; ARAÚJO, A. S. “Quem pergunta quer resposta!” – perguntas como estratégias de interação na escrita. *Via Litterae*, v.2, n1, 2010.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj : DP&A, 2003.
- _____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. John Benjamins Publishing, 1995.
- _____, T . *Syntax: An Introduction* I. John Benjamins Publishing, 2001.
- HERITAGE, J. The Epistemic Engine: Sequence Organization and Territories of Knowledge. *Research on Language and Social Interaction* 45:30-52, 2012.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, 8(3):243-271, 1988.
- MARTELOTTA, M. E; AREAS. E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Lingüística Funcional: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2008.
- SORJONEN, M-L. Simple answers to polar questions. In: SELTING, M.; COUPERKUHLEN, E. (orgs.). *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- TAVARES, M. A.. Conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO na fala de Natal (RN): indícios de especialização funcional. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 12, p. 195-213, 2010.

QUESTIONS AS A MECHANISM FOR COHESION OF TEXTUAL/DISCURSIVE PORTIONS

ABSTRACT

This text aims to investigate the processes of connection of textual / discursive portions performed by the questions, from a continuation of grammaticalization: full (PP)> semirarethoric (PSR)> rhetoric (R). Full questions are formulated to request information from the listener; the semi-rarethorical, the speaker formulates and responds, and the rhetoric is formulated so as not to be answered, in terms of Linguistic Functionalism and Rhetoric Structures Theory (RST). Data indicate that the questions act in the process of articulating textual / discursive portions by means of the resume and projection movement.

Keywords: Questions, connection mechanism, language functionalism.

Recebido em 23/03/2018.

Aprovado em 22/05/2018.